

Economia · Brasil
Governo alemão insistirá para que bancos apóiem os riscos

Ministro das Finanças, Oskar Lafontaine, enfatizou ontem que os bancos comerciais não podem ficar de fora do pacote

Assis Moreira
de Bonn

O ministro das Finanças da Alemanha, Oskar Lafontaine, enfatizou ontem, em Bonn, ao receber o ministro da Fazenda, Pedro Malan, que o governo alemão vai "agir sempre para que os bancos privados participem também dos riscos" do pacote de financiamento para o Brasil.

"A opinião de nosso governo é de que quando um pacote desses é organizado, os bancos comerciais não podem ficar de fora", salientou o ministro mais poderoso da coalisão socialista-ecológica do poder, questionado durante o tradicional aperto-de-mão para os fotógrafos.

Depois de uma hora de encontro, Pedro Malan confirmou a existência de um sistema de monitoramento dos financiamentos dos bancos co-

merciais internacionais para o Brasil. Mas tratou de frisar que o mecanismo não significa controle e "nem quer dizer, de forma alguma, que se vai impor qualquer medida unilateral" quando uma instituição reduzir sua exposure no País.

Malan esclareceu que o monitoramento já é feito pelo Banco Central e o que ocorreu foi apenas o aperfeiçoamento desse "sistema de informação". Quanto a versões de fontes bancárias na Alemanha de que os bancos centrais dos países industrializados, que entram com US\$ 14,4 bilhões no pacote é que fariam o monitoramento, Malan retrucou:

"mas isso eles já podem fazer a qualquer momento atualmente". Ele descartou, sem ser explícito, um envolvimento do FMI no mecanismo.

Mas o ministro também repetiu

com insistência que o Brasil espera que a manutenção e o aumento gradual das linhas de crédito pelos bancos comerciais internacionais "devem ocorrer dentro de bases voluntárias e de colaboração, e cada

banco é que deve considerar seus interesses, sobretudo a médio e longo prazo".

Sua expectativa é de que hoje, durante o "road show" que fará em Frankfurt, os bancos alemães manifestem "voluntariamente" o apoio ao Brasil a exemplo dos bancos dos Estados Unidos que, na terça-feira, garantiram a manutenção das linhas de crédito comercial e interbancário para o País.

Malan espera que os bancos alemães expressem hoje o apoio ao Brasil, a exemplo dos norte-americanos

Confirmou que já está "praticamente" fechado o financiamento externo para o ano que vem que ele estimara em US\$ 60 bilhões na semana passada, em Brasília. A decisão do governo é de sacar a primeira

parcela de US\$ 9 bilhões a US\$ 10 bilhões do financiamento global no início de dezembro, depois da aprovação do acordo pela diretoria executiva

do FMI. Mas nada está decidido sobre a retirada da segunda parcela do mesmo valor no início de janeiro, e que exigirá apresentação de garantias reais para parte dos financiamentos bilaterais.

A visita de Malan a Bonn foi a

ocasião para o primeiro encontro com o novo ministro alemão das Finanças. Lafontaine é mais do que o chefe do Tesouro. É visto como outro primeiro-ministro, a verdadeira eminência parda altamente influente e que também tem a proposta de fazer a comunidade internacional regulamentar melhor os fluxos de capitais de curto prazo.

Malan chegou no fim da tarde ao Ministério das Finanças, no prédio quase banal, sem qualquer ostentação. O ministro brasileiro e sua delegação seguiram uma conselheira de Lafontaine por um corredor onde empregados com carrinhos de limpeza já faziam o seu trabalho.

No segundo andar, numa sala de reuniões pequena e comum, Lafontaine apareceu com cinco minutos de atraso e já avisado que seria ques-

tionado por jornalistas brasileiros.

"A nossa discussão foi, realmente, muito interessante", afirmou Malan, visivelmente contente. A Alemanha deve fornecer US\$ 1,25 bilhão ao pacote brasileiro, cifra que não confirmou oficialmente ainda. Hoje Malan passa o dia em Frankfurt, o grande centro financeiro alemão, em contato com banqueiros desde o café da manhã, encerrando o dia com uma visita a Hans Tietmeyer, do Bundesbank.

Em Stuttgart, o ministro da Indústria, Comércio e Turismo, José Botafogo Gonçalves, declarou que já "dá para sentir" uma ligeira melhora no financiamento comercial. Jost Thielmann, diretor do Dresdner Bank Latinamerika, de Hamburgo, confirmou que a seleção dos créditos está agora "mais leve".